

CARTA AO EDITOR

RESPOSTA À CARTA AO EDITOR 23(1): 53, 1990: "RISCO DE DESENVOLVER CÂNCER EM RECEPTORES DE SANGUE VIOLETADO. VALIDADE DA ENTREVISTA".

Senhor Editor,

Em resposta à carta ao Editor, de autoria do Prof. V. Amato Neto e Dr. J. Pasternak, os autores do referido tema livre⁷, apresentado na VI Reunião Anual de Pesquisa Aplicada em doença de Chagas, em novembro de 1989, esclarecem que:

1. O referido estudo visava avaliar apenas a validade da entrevista como método para detectar indivíduos que tivessem recebido sangue violetado, como etapa inicial de um projeto de maior porte, cujo objetivo é detectar o possível efeito carcinogênico da violeta de genciana (VG) face ao informe da Food and Drug Administration (FDA)³, sobre o poder carcinogênico da mesma em condições experimentais, em camundongos alimentados com ração contendo o referido corante.

2. Desta forma, a investigação pretende avaliar essa possibilidade em humanos que receberam transfusões de sangue tratadas previamente com VG. No entanto, um dos principais problemas metodológicos seria a dificuldade de se encontrar indivíduos que se recordassem de ter recebido, anos antes, sangue violetado. O objetivo principal abordado no tema livre foi o de procurar se seria possível rastrear e encontrar receptores de sangue violetado que se lembrassem da cor mesmo, assim como ano e local onde foi recebida a transfusão.

3. Obviamente esses dados estão sendo comparados com os da população que consulta no mesmo Hospital, e que nega haver recebido transfusão de sangue, e também com aqueles que informam que receberam sangue vermelho, e com os que não se recordam da cor do sangue transfundido.

4. O interesse deste estudo se deve, justamente, a ser a utilização de sangue violetado a forma mais econômica, simples e eficaz de evitar a transmissão da doença de Chagas pela via transfusional, como descrito por Nussenzeiwig e cols⁴, e confirmado por outros autores^{1 2 5 6}.

5. Contrariamente à interpretação da referida carta ao Editor, não é nossa intenção desvirtuar o emprego do VG, porém demonstrar, por método epidemiológico (estudo de caso - controle), se o efeito do corante no homem seria similar ou não, ao do observado em animais.

6. Do ponto de vista operacional, não tivemos outra opção senão estudar os pacientes com câncer, pareados aos sem câncer atendidos no mesmo Hospital, os quais correspondem a 41,2% do total dos atendimentos no referido Hospital.

Outras alternativas eram impraticáveis pelas seguintes razões:

a. A maioria dos prontuários mais antigos do Hospital das Clínicas da UFG, o local onde até 1980 só se utilizavam transfusões de sangue com VG, havia sido destruída;

b. Os Bancos de sangue, locais onde o estudo também poderia ser desenvolvido, registram dados completos apenas dos doadores, e não dos receptores, os quais seriam o principal motivo de estudo.

7. O Hospital Araújo Jorge da Associação de Combate ao Câncer em Goiás apresenta características ideais para este estudo, pois centraliza a maioria absoluta dos pacientes com câncer do Estado de Goiás; iniciou suas atividades 5 anos após o início da utilização da VG em transfusões de sangue em Goiânia, e metade dos pacientes atendidos não tem câncer.

8. A ausência de vieses é assegurada, pois nem o paciente (possível portador de lesão de natureza benigna ou maligna), nem o entrevistador, sabem do resultado de uma biópsia, realizada posteriormente à entrevista.

9. Como os autores da Carta ao Editor aventam, tratava-se na época, de trabalho preliminar, onde procuramos demonstrar metodologicamente ser possível recuperar, através da memória do paciente, exposição prévia ao sangue violetado. O estudo central deste projeto está ainda em andamento, e visa, por meio de estudo caso-controle, parear aqueles "casos" principalmente linfomas e leucemias, com "controles" do mesmo Hospital, nos quais se demonstrou a natureza benigna da doença que motivou a consulta.

10. Por outro lado, gostaríamos de salientar que a sugestão final dos autores, de se utilizar um estudo prospectivo, seria operacionalmente impraticável por tratar-se de doença de baixa prevalência, crônica, de longo período de incubação, o que demandaria algumas décadas de seguimento para obtenção do grande número de casos necessário. A nosso ver, estudos de tipo caso-controles; representam a única opção para avaliar fatores de risco, associados a doenças com estas características.

11. Finalmente, agradecemos aos autores da Carta ao Editor, pelo interesse despertado, assim como pelas sugestões apresentadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Amato Neto V, Mellone O. Estudos sobre a eficácia da violeta de genciana na profilaxia da transmissão da doença de Chagas em bancos de sangue: investigação em voluntário, receptor de sangue de caso agudo, ao qual foi adicionado o corante. O Hospital 55: 343, 1959.
2. Dias JCP. Mecanismos de transmissão. In: Brener Z, Andrade Z (ed) *Trypanosoma cruzi* e doença de Cha-

- gas. Guanabara Koogan, Rio de Janeiro p. 152-174, 1979.
3. National Center for Toxicological Research. Chronic toxicity and carcinogenicity studies of gentian violet in mice. NCTR Technical report, 1984.
 4. Nussenzweig V, Sonntag R, Biancalana A, Freitas JLP, Amato Neto V, Kloetzel J. Ação de corantes tri-fenilmetânicos sobre o *Trypanosoma cruzi* "in vitro". Emprego da violeta de genciana na profilaxia da transmissão da moléstia de Chagas por transfusão de sangue. O Hospital 44: 731, 1953.
 5. Rassi A, Rezende JM. Prevention of transmission of *T. cruzi* by blood transfusion. In: American trypanosomiasis research. Scientific Publication 318 PAHO, 1975.
 6. Rezende JM, Zupelli W, Bafutto MG. O problema da transmissão da doença de Chagas por transfusão de sangue. Emprego da violeta de genciana como medida profilática. Revista Goiana de Medicina 11: 35, 1965.
 7. Souza DO, Carneiro SS, Galvão PM, Irusta RC, Cardoso VM, Luquetti AO. Risco de desenvolver câncer em receptores de sangue violetado. Validade da entrevista. Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical 22 (supl II): 108, 1989.

Prof. Alejandro O. Luquetti
Instituto de Patologia Tropical e
Saúde Pública/UFG
Goiânia, GO